



**FUPAC SÃO JOÃO NEPOMUCENO
PEDAGOGIA**

EMILIANE PEREIRA AGLIO
LILIANE RIBEIRO BARROSO

**A PEDAGOGIA AFETIVA NA PRÁTICA DOS PROFESSORES COMO
FOMENTADORA DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO DE
RELAÇÕES SOCIAIS NOS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

SÃO JOÃO NEPOMUCENO – MG
2021

EMILIANE PEREIRA AGLIO
LILIANE RIBEIRO BARROSO

**A PEDAGOGIA AFETIVA NA PRÁTICA DOS PROFESSORES COMO
FOMENTADORA DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO DE
RELAÇÕES SOCIAIS NOS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Presidente
Antônio Carlos, sob a orientação da
Professora Gleice Aparecida de Menezes
Henriques, no curso de Pedagogia como
requisito de conclusão.

SÃO JOÃO NEPOMUCENO – MG
2021

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Presidente Antônio Carlos, sob a orientação da Professora Gleice Aparecida de Menezes Henriques, no curso de Pedagogia como requisito de conclusão.

Aprovada em ___/___/___

BANCA DE APROVAÇÃO DO PROJETO

Belkis Cavalheiro Furtado
FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS

Elizabete Mendonça Nogueira
FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS

Valtencir Natal Pereira
FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Gleice que durante toda a nossa licenciatura demonstrou o que é a prática afetiva através de sua preocupação e disposição com nosso aprendizado.

Agradecemos à nossa coordenadora Ana Lúcia que também demonstrou afetividade além da sala de aula com toda sua disponibilidade e atenção ao nos ouvir e nos atender tão prontamente.

Agradecemos nossas famílias pelo apoio e paciência dispensados durante nossa graduação.

Agradecemos, principalmente, a Deus por iluminar nossas escolhas e nos trazer até aqui.

RESUMO

Este estudo propõe debater a prática afetiva em sala de aula e sua influência no processo de ensino e aprendizagem e na formação integral do sujeito. Esta pesquisa objetiva demonstrar a importância da pedagogia afetiva na prática dos professores, como fomentadora da aprendizagem, interferindo no desenvolvimento intelectual e nas relações sociais dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Baseada em fatores biológicos e psicológicos, trata-se de reafirmar a prática afetiva como primordial em sala de aula, visto que pode despertar o interesse do aluno pela aprendizagem e a promover a interação social. Os principais autores deste estudo bibliográfico são Paulo Freire, Henry Wallon, Jean Piaget, Celso Antunes e Sérgio Leite. Essa análise será feita através de uma pesquisa de natureza básica, com uma abordagem dialética e hipotético dedutiva, de caráter qualitativo e exploratório. Com bases nos estudos dos autores mencionados, observa-se uma consonância em relação ao tema estudado, afirmando que a prática da afetividade na sala de aula contribui exponencialmente em todas as dimensões do desenvolvimento humano. Permite-se concluir, portanto, que a afetividade é de extrema relevância e fundamental para que professores e alunos alcancem êxito no processo de formação integral do ser.

Palavras chaves: afetividade; pedagogia afetiva; relações sociais; ensino; aprendizagem.

ABSTRACT

This study intends to debate the affective practice in the classroom and its influence on the teaching and learning process and on the integral human development. This research aims to demonstrate the importance of affective pedagogy in teachers' practice, as a promoter of learning, interfering with the intellectual development and social relations of students in the early years of elementary school. Based on biological and psychological factors, it reaffirms affective practice as paramount in the classroom, as it can arouse student interest in learning and promote social interaction. The main authors of this bibliographical study are Paulo Freire, Henry Wallon, Jean Piaget, Celso Antunes and Sérgio Leite. This analysis will be carried out through a basic nature research, with a dialectical and hypothetical deductive approach, of a qualitative and exploratory type. Based on the studies of the foregoing authors, there is a consonance in relation to the studied theme, stating that the practice of affectivity in the classroom contributes exponentially to all dimensions of human development. It is possible to conclude, therefore, that affectivity is extremely relevant and essential for teachers and students to achieve success in the integral human development process.

Keywords: affectivity; affective pedagogy; social relationships; teaching; learning; pedagogy of kindness; kindness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	COMO O CÉREBRO APRENDE	9
3	COGNIÇÃO E AFETIVIDADE	13
4	AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO	16
5	O DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES SOCIAIS	19
6	A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM	22
7	METODOLOGIAS QUE LEVAM À PRÁTICA AFETIVA	27
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	32
	APÊNDICE	34

1 INTRODUÇÃO

Afetividade é um estado psicológico em que o ser humano experimenta ou exprime sentimentos e emoções a partir das situações vivenciadas. Dessa forma, acredita-se que a afetividade pode ser uma ferramenta de grande relevância no que diz respeito à convivência entre alunos e professores dentro e fora da sala de aula e no processo de ensino e aprendizagem. Partindo deste contexto, o presente trabalho tem por objeto de estudo a afetividade na prática pedagógica. Será abordada a influência da pedagogia afetiva na prática dos professores e no comportamento dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A pedagogia afetiva pode transformar a prática de lecionar, de forma suave e enriquecedora, em um trabalho prazeroso, angariando resultados expressivos no processo de ensino e aprendizagem. Como é sabido, toda ação produz uma reação, sendo assim, a conduta do professor em sala de aula é observada e absorvida pelos alunos, e é neste ponto que a afetividade tem seu papel de grande relevância. Por isso, a necessidade de fazer com que os professores reavaliem suas práticas em sala de aula e direcionem seu olhar a uma prática afetiva com resultados significativos de aprendizagem.

Neste trabalho serão levantadas as seguintes questões: a pedagogia afetiva influencia o aprendizado dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental? É perceptível melhora no rendimento escolar e nas relações intersociais dos alunos quando os professores trabalham tendo como base a pedagogia afetiva?

Para responder a essas questões, serão estudadas as hipóteses de que o afeto desperta o interesse, que é essencial para motivar a aprendizagem. Outra hipótese a ser analisada é a de que em um ambiente afetivo, o aluno está mais à vontade para expor suas ideias, opiniões e criar vínculos com os colegas, além de o aluno se sentir incentivado a estudar quando vê seu professor preocupado com seu sucesso. Acredita-se também que quando o aluno passa a conhecer melhor suas emoções, ele aprende a lidar com elas e, através do exemplo, o aluno aprende a praticar a afetividade, o que auxilia no desenvolvimento cognitivo, na criação de laços entre indivíduos e na construção de relações interpessoais mais saudáveis e duradouras.

Este estudo tem como objetivo demonstrar a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e sua influência no desenvolvimento intelectual

e social dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, será realizada uma pesquisa básica e qualitativa, utilizando uma abordagem dialética e hipotético dedutiva, para assim obter os conhecimentos necessários para fomentar o tema destacado, compreendendo e aprofundando os saberes sobre essa prática.

A pesquisa terá a contribuição de diversos autores, tais como, como Paulo Freire, Henry Wallon, Jean Piaget, Celso Antunes e Sérgio Leite. Será realizada uma pesquisa bibliográfica pela necessidade de reunir informações teóricas, através de leituras e revisões de materiais publicados com o tema proposto, validando e elucidando a ideologia e o estudos dos autores escolhidos.

Para a elaboração deste estudo, foi escolhida a pesquisa de natureza básica, já que esta tem a intencionalidade de agregar novos conhecimentos dentro do tema estudado (pedagogia afetiva), além de procurar colaborar com a melhoria da prática pedagógica dentro e fora da sala de aula e com o processo de formação do professor, subsidiando para a classe docente uma ferramenta contemporânea e transformadora.

Este estudo terá como instrumento de pesquisa uma análise bibliográfica, que agrega valor ao projeto, já que será feito levantamento e análise de obras publicadas, como artigos e livros, para explorar o tema, destacar semelhanças e diferenças entre teorias e embasar toda a pesquisa.

A abordagem qualitativa se encaixa com o trabalho a ser desenvolvido, já que serão feitas leituras e interpretações de teorias, descrições e análises de material bibliográfico, estimulando um pensamento crítico acerca do tema.

A pesquisa terá caráter exploratório, pois visa iniciar uma discussão acerca da prática educativa baseada na afetividade e seu papel de grande relevância no processo de construção do sujeito. Para tanto será utilizado o método hipotético dedutivo, para assim debater como a pedagogia afetiva viabiliza uma aprendizagem qualitativa, interferindo de forma positiva nas ações e na promoção da interação social; bem como o método dialético, que busca dialogar, discutir e argumentar acerca do tema. Trata-se de refletir sobre a realidade da sala de aula e provocar o leitor a despertar para a importância da prática pedagógica baseada na afetividade.

E assim, aguçar a mudança de pensamento dos professores frente à afetividade em sala de aula tem se mostrado primordial na prática educacional para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por conseguinte, este estudo anseia reafirmar a importância da pedagogia afetiva no processo de ensino e aprendizagem, refletindo sobre a influência

da afetividade no comportamento dos alunos e professores. E dessa maneira, pretende-se discutir metodologias que levem à prática afetiva.

No segundo capítulo, será abordada a questão biológica da aprendizagem, através de uma análise da neurociência aplicada à educação. O terceiro capítulo trata das relações cognitivas e afetivas com base nos estudos dos filósofos Wallon e Piaget. O quarto capítulo aborda a influência da afetividade na construção do sujeito. No quinto capítulo, será analisada a importância de desenvolver as relações sociais e assim viabilizar a afetividade. No sexto capítulo, será estudada a interferência da afetividade no processo de aprendizagem. No sétimo capítulo, serão discutidas práticas em sala de aula que demonstram a aplicação de metodologias afetivas.

2 COMO O CÉREBRO APRENDE

Para exercer o ato de ensinar, é preciso ir além da sala de aula e compreender que a aprendizagem é um processo orgânico e que o principal órgão a executar essa função é o cérebro. De acordo com Cosenza¹ e Guerra² (2011), há mais de dois milênios atrás, Hipócrates, que é considerado o pai da medicina, já afirmava que “é através do cérebro que sentimos tristeza ou alegria, e é também por meio de seu funcionamento que somos capazes de aprender ou de modificar nosso comportamento à medida que vivemos.” (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 11). Ou seja, este órgão pode ser considerado como central no entendimento de emoções e armazenamento de informações.

Segundo a literatura analisada, os neurônios são as células responsáveis na recepção e condução de informações. De acordo com Silva³ (2021), os neurônios podem tanto transmitir quanto inibir a continuação dos sinais recebidos e cada um pode se conectar com centenas de milhares de outros neurônios para, simultaneamente, receber e transmitir dados. Através de impulsos nervosos que percorrem sua extensão, as informações são transmitidas de célula a célula na região das sinapses (Figura 1).

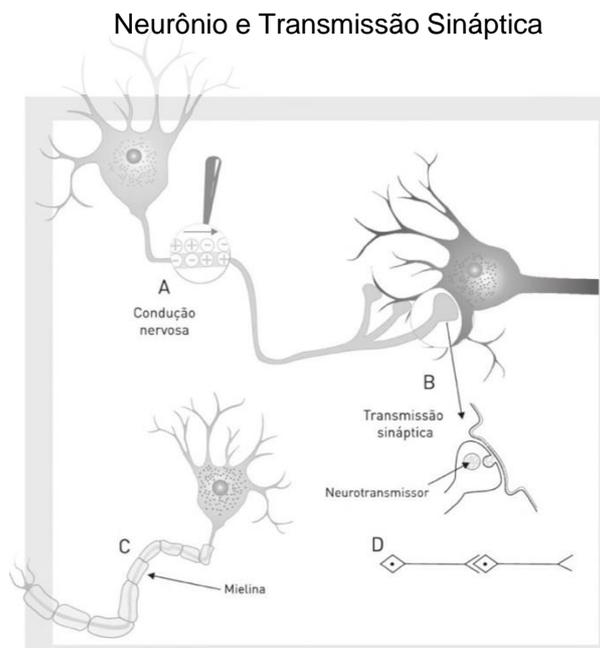


Figura 1

O impulso nervoso, modo pelo qual o neurônio conduz a informação, viaja ao longo do axônio por um mecanismo elétrico: as trocas de íons que ocorrem na membrana celular (A). A passagem da informação para outras células ocorre nas sinapses (B), onde é liberada uma substância química, um neurotransmissor. Em C observa-se uma fibra nervosa (axônio) com envoltório de mielina. Compare com a fibra amielínica do neurônio representado em A. (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 14)

¹ Ramon M. Cosenza: médico e doutor em Ciências. Professor aposentado do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Leonor B. Guerra: médica e Doutora em Ciências. Professora adjunta do Departamento de Morfologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Fábio Eduardo da Silva: doutor e mestre em Psicologia pela USP. Fundador e conselheiro do Instituto Neuropsi (ineuropsi.com)

De acordo com Cosenza e Guerra (2011), umas das características mais importantes do sistema nervoso central⁴ é sua plasticidade, que definem como a capacidade dos neurônios em fazer e desfazer ligações entre si. Essa possibilidade de constante mutação está diretamente relacionada à aprendizagem. Ainda segundo os autores, “a aprendizagem pode levar não só ao aumento da complexidade das ligações em um circuito neuronal, mas também à associação de circuitos até então independentes” (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 36). A ideia defendida pelos autores é a de que a base da aprendizagem é a plasticidade por permitir o ligar e desligar das conexões que há entre as células nervosas, possibilitando aumento e novas trocas de informações.

Intrínseca à questão biológica e, também, regulada por aspectos centrais do processamento cerebral está a atenção. Cosenza e Guerra (2011) afirmam que esta pode ser subdividida em atenção reflexa e atenção voluntária. A primeira é determinada por um desvio repentino do foco de atenção, quando, por exemplo, seu nome é mencionado e desliga-se da atividade que está executando para voltar a atenção a quem chamou. Para este estudo, é importante destacar a atenção voluntária, que corresponde ao foco dado a determinado contexto devido à escolha pessoal. De acordo com os autores, há dois sistemas que regulam os processos de atenção, o circuito orientador e o circuito executivo.

O circuito orientador “permite o desligamento do foco atencional de um determinado alvo e o seu deslocamento para outro ponto” (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 44), e está mais relacionado à atenção reflexa. Já o segundo circuito está mais relacionado à atenção voluntária e seu bom funcionamento é importante para uma aprendizagem consciente. Segundo Silva (2021), este “permite tanto focar, voluntariamente, nossa atenção, como mantê-la por um tempo prolongado, inibindo outro estímulos” (SILVA, 2021, p. 245). Por isso, pode-se afirmar que a atenção está diretamente ligada ao processo de aprendizagem, já que ela determina o foco que será dispensado a determinado objeto.

Para Cosenza e Guerra (2011), a atenção executiva é relevante tanto no controle cognitivo quanto no emocional e ocorre na região denominada giro do cíngulo. De acordo com Silva (2021), esta área é subdividida em controle afetivo e controle cognitivo (Figura 2) e o funcionamento de uma delas pode ser inibidora do

⁴ O Sistema nervoso central é composto pelo cérebro e pela medula espinhal e é responsável por captar, interpretar e transmitir mensagens para todo o corpo.

funcionamento da outra. Como exemplo, o autor menciona que emoções negativas intensas podem interferir na atenção ao processamento cognitivo.

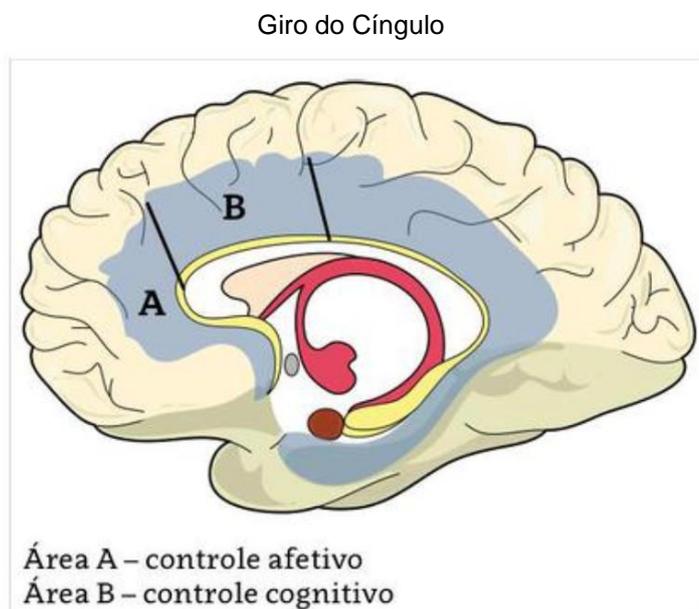


Figura 2

O Giro do Cíngulo é responsável pelo controle afetivo e pelo controle cognitivo. (SILVA, 2021, p. 246)

De acordo com Cosenza e Guerra

[...] o cérebro está permanentemente preparado para aprender os estímulos significantes e aprender as lições que daí possam decorrer. Essa é uma boa notícia para os professores, ao mesmo tempo em que é, talvez, o maior desafio que têm no ambiente escolar. Podemos dizer que o cérebro tem uma motivação intrínseca para aprender, mas só está disposto a fazê-lo para aquilo que reconheça como significante. Portanto, a maneira primordial de capturar a atenção é apresentar o conteúdo a ser estudado de maneira que os alunos o reconheçam como importante. (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 48)

Como visto neste capítulo, a atenção é fator de grande importância para efetivar a aprendizagem. Biologicamente, ela é de caráter afetivo e está interligada à cognição, sendo processada no giro do cíngulo. Por isso os professores, principalmente dos anos iniciais, devem trabalhar a atenção dos alunos e dar mais significado ao processo de aprendizagem. Assim, vê-se a necessidade de renovar as metodologias e discutir a prática afetiva, que tem como foco central o interesse do aluno, como será visto nos próximos capítulos.

Para embasar a discussão sobre a impossibilidade de deixar de lado práticas educacionais afetivas, tendo em vista sua significância no processo de ensino e aprendizagem, no próximo capítulo serão analisados os estudos e a postura dos

autores Piaget e Wallon, em relação à cognição e à afetividade, para eles, indissociáveis na formação completa do ser.

3 COGNIÇÃO E AFETIVIDADE

Antes de discutir sobre a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, é necessário compreender o que psicólogos e pesquisadores apresentam sobre a cognição e a afetividade.

Estes dois conceitos caminham paralelamente e são objeto de estudo dos psicólogos Wallon⁵ e Piaget⁶. Ambos se complementam em suas teorias, ao discursarem sobre a influência da afetividade no desenvolvimento cognitivo das crianças e ao tratarem a cognição e a afetividade como indissociáveis para a formação completa do ser.

Segundo o estudo de Wallon (2017), nos primeiros anos do desenvolvimento intelectual e emocional da criança, já é possível identificar a ligação de traços afetivos, cognitivos e motores. De acordo com o pesquisador, a criança repete gestos úteis que para ela tiveram um efeito favorável, ao passo que vai reprimir o gesto que traz insucesso. O autor explica que a satisfação de ter acertado, de ser motivado, fará com que a criança retenha o conhecimento que gerou aprovação por parte do outro.

No entanto, não somente estímulos que geram uma impressão agradável são memorizados. Ainda de acordo com Wallon (2017), o sofrimento também pode atribuir um significado importante à criança. Este pode ser o indício do que deve ser evitado. Sendo assim, tanto ações estimulantes como advertências são ingredientes necessários para pautar as atividades e servem para fixar os resultados. Essa aprendizagem demonstra como a cognição está ligada à afetividade.

Coincidente a este princípio, Piaget (2014) afirma que não há mecanismos cognitivos sem elementos afetivos, da mesma forma que não existe um estado afetivo puro, sem elementos cognitivos. Em sua obra, Piaget (2014) defende que a afetividade interfere nas operações da inteligência, acelerando ou retardando o desenvolvimento intelectual, mas não gera e nem modifica as estruturas cognitivas.

Esse papel da afetividade como acelerador ou perturbador das operações da inteligência é incontestável. O aluno motivado em aula terá mais entusiasmo para estudar e aprenderá mais facilmente.

⁵ Henri Wallon: filósofo, psicólogo, neuropsiquiatra francês. Escreveu obras com grande contribuição no campo científico do desenvolvimento da criança. De 1879 a 1962.

⁶ Jean Piaget: psicólogo suíço conhecido por sua pesquisa na área do desenvolvimento cognitivo. De 1896 a 1980.

Dentre aqueles que são fracos em matemática, por exemplo, mais da metade dos casos se devem, sem dúvida, a um bloqueio afetivo, a um sentimento de inferioridade especial. (PIAGET, 2014, p. 37)

Assim como Wallon (2017), Piaget (2014) também discorre sobre o papel da afetividade enquanto catalisador das operações da inteligência. Para o psicólogo suíço, a afetividade tem a função de gerar energia para o funcionamento da inteligência e ilustra com a seguinte analogia: “assim como o funcionamento de um automóvel depende do combustível, que aciona o motor, mas não modifica a estrutura da máquina” (PIAGET, 2014, p. 43), a afetividade também desperta a cognição, mas não modifica a estrutura cerebral. Dessa forma, é possível perceber como o afetivo está aliado ao intelectual, por aguçar não apenas a cognição, como também o lado motor.

Segundo Wadsworth⁷ (1993), “o aspecto afetivo é responsável pela ativação da atividade intelectual e pela seleção dos objetos sobre os quais agir.” (WADSWORTH, 1993, p. 24) É esta seleção dos objetos que torna importante o estudo sobre a prática afetiva em sala de aula, já que despertar o interesse do aluno é essencial para que a aprendizagem se torne significativa, conforme será descrito nos próximos capítulos.

Além do aspecto educacional, a afetividade é importante para a construção de relações sociais. De acordo com Wallon (2017):

As emoções são a exteriorização da afetividade, estimulam assim mudanças que tendem, por outro lado, a reduzi-las. É nelas que assentam os exercícios gregários⁸, que são uma forma primitiva de comunhão e comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (WALLON, 2017, p. 134 e 135).

Wallon (2017) afirma que as emoções, que são fruto da afetividade, são parte fundamental para as primeiras interações. Segundo do autor, a evolução dos sentimentos em cada pessoa gera a busca pelo outro, o que traz os indivíduos à união. Do lado piagetiano, afirma-se que a inteligência é o instrumento indispensável para os intercâmbios entre o sujeito e o universo para assim atingir relações duradouras e

⁷ Barry J. Wadsworth: professor de psicologia e educação no *Mount Holyoke College*, é autor de livros que fazem análise minuciosa das obras de Piaget.

⁸ Gregário: (adj.) que gosta de ter a companhia de outras pessoas; sociável. ETIM lat. *gregarius*: relativo aos rebanhos, pertencente à multidão. (*Oxford Dictionaries*)

estáveis. Lembrando que, para Piaget (2013), uma atitude intelectual presume uma regulação energética interna e externa que são de caráter afetivo.

Percebe-se que as reflexões wallonianas e piagetianas seguem para a mesma ideia de que os indivíduos possuem a parte afetiva e intelectual interligadas e interdependentes. Portanto, segundo os autores, todas as ações são, simultaneamente e indissociavelmente, afetivas e cognitivas, como também visto no segundo capítulo em relação à zona cerebral que controla o afeto e a cognição.

No próximo capítulo, será abordada a influência da afetividade na construção do sujeito e no despertar do interesse sobre o objeto de estudo. Será discutido o papel do professor como mediador do conhecimento, ao possibilitar a transformação de seus alunos em sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, estimulando a autonomia e a afirmação da autoestima.

4 AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Não se pode desconsiderar que as repressões, ao contrário das correções crítico construtivas, também geram sentimentos, sendo estes negativos, e assim, podem provocar um retrocesso ou mesmo um bloqueio no processo de aprendizagem. Sobre esse lado negativo repressor, Piaget (2014) afirma que

[...] o sucesso ou o fracasso de uma ação qualquer influencia a continuidade das ações do indivíduo, no sentido de que o sucesso reforça a confiança e o fracasso inquieta, angustia e diminui a confiança. Em outras palavras, temos já no nível sensório motor a raiz do que são, no nível representativo, os sentimentos de inferioridade ou de superioridade. (PIAGET, 2014, p. 167)

De acordo com o psicólogo suíço, a repressão pode fazer com que a criança se limite nos próximos processos de aprendizagem, criando até mesmo algum bloqueio. Essa sensação de incapacidade, diminui a autoestima do aluno, o que pode acarretar sérios problemas de aprendizagem.

Sobre a autoestima do aluno, Antunes⁹ (2014) afirma que “o professor é, muitas vezes, bem mais que o pai ou a mãe, quem melhor pode desenvolvê-la” (ANTUNES, 2014, p. 240). Para isso, é preciso que na sala de aula o educador valorize o lado bom do aluno e o elogie, mas sem excessos. Assim, segundo o autor, o professor deve colocar uma lente de aumento nos acertos e descobrir o que ninguém vê. É essa atitude afetiva que traz resultados efetivos para a vida acadêmica do aluno.

Para que o professor consiga esses resultados, é preciso se desligar da educação bancária, que, segundo Freire (1996), trata-se do modelo tradicional em que o aluno é mero depositário de conteúdo, sem preocupação com seus saberes prévios. A fim modificar esse quadro, o professor deve compreender que seu papel é de mediador e os alunos são sujeitos do processo. De acordo com Wadsworth (1993), em sua análise sobre a teoria piagetiana, percebe-se que

As ações da criança sobre os objetos e interações com outras pessoas são de importância fundamental na construção do conhecimento. O conhecimento exato não pode ser derivado diretamente da leitura ou

⁹ Celso Antunes: autor brasileiro especialista em inteligência e cognição, mestre em Ciências Humanas pelas USP, membro consultor da Associação Internacional pelos Direitos da Criança Brincar.

de ouvir dizer (por exemplo, os professores). Antes do desenvolvimento das operações formais, o conhecimento exato só pode ser construído a partir da experiência com objetos significativos; ele não pode ser adquirido de representações (por exemplo, palavras faladas e escritas) dos objetos e eventos. [...] a participação ativa da criança permanece necessária para o desenvolvimento cognitivo. (WADSWORTH, 1993, p. 15 e 16)

Wadsworth *apud* Piaget (1993) também analisou que o afeto tem papel fundamental na educação, pois é ele que desperta o interesse nas crianças e suscita motivação da atividade intelectual. Segundo o autor, as escolhas humanas são baseadas em interesses, como, por exemplo, a escolha dos amigos, de um livro para leitura, entre outras. Wadsworth (1993) afirma que na visão piagetiana, esta seleção não é provocada pelas atividades cognitivas, mas pela afetividade. Portanto, vê-se a necessidade de ter a afetividade como componente essencial do processo de ensino e aprendizagem.

A neurociência embasa a visão de piagetiana defendida por Wadsworth, conforme visto no segundo capítulo, ao discorrer sobre a atenção voluntária, que está ligada aos interesses de cada um, e o circuito executivo, que determina o tempo dispensado a uma atividade. Assim, se estabelece uma relação direta entre interesse e aprendizagem, visto que o foco da atenção será direcionado àquilo que o indivíduo anseia aprender.

Outro fator de destaque nas obras piagetiana e walloniana é a influência da afetividade no ritmo de aprendizagem, aumentando ou diminuindo a velocidade da mesma, já que o interesse é que vai determinar quais estruturas cognitivas terão maior e menor valor para o indivíduo. Um exemplo simples está relacionado ao aluno que “gosta” de determinada matéria e apresenta uma evolução rápida de aprendizagem naquele conteúdo. O psicólogo francês, Wallon (2017), compartilha da mesma opinião de Piaget, ao afirmar que quando as crianças não têm interesse por determinado assunto, elas se desviam dessa atividade.

A escola exige uma mobilização dirigida das atividades intelectuais para matérias sucessiva e arbitrariamente diversas, até em excesso. As tarefas impostas devem desligar mais ou menos as crianças dos seus interesses espontâneos e muito frequentemente não se obtém delas mais do que um esforço estrangido, uma atenção artificial ou mesmo uma sonolência intelectual. (WALLON, 2017, p. 205)

Nesse sentido, percebe-se mais uma vez, a importância da afetividade para despertar o interesse sobre o objeto de estudo e assim efetivar a aprendizagem. Ainda de acordo com Wallon (2017), “a excitação, que não se traduz por qualquer efeito exterior, transforma-se numa espécie de potencial subjetivo” (WALLON, 2017, p. 110), ou seja, se torna o combustível da aprendizagem. Lembrando que o mesmo autor assegura que as emoções são a exteriorização da afetividade e que estimulam as mudanças cognitivas.

No capítulo a seguir, será feita uma análise do ponto de vista de alguns autores sobre a importância do desenvolvimento das relações sociais para os alunos por intermédio dos professores. Será discutido, também, o papel da afetividade na criação das relações sociais.

5 O DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Através da literatura analisada sobre o tema, percebe-se que a afetividade possui grande êxito sobre o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, já que influi na atenção e interesse do aluno dispensados a um determinado tema. Pode-se salientar que há a mesma capacidade na prática do afeto no que tange as relações sociais, sejam elas dentro ou fora da sala de aula. Será discutido neste capítulo a influência afetiva no comportamento de alunos e professores ao fomentar uma relação recíproca de confiança, amizade e respeito.

A importância de se desenvolver as relações interpessoais é ressaltada por Antunes (2000) ao alegar que "também seria indispensável que se trabalhasse sua comunicação interpessoal e outros conteúdos que certamente não 'caem' no vestibular, mas são essenciais à vida" (ANTUNES, 2000, p. 43). Portanto, o desenvolvimento dessa comunicação social viabiliza aos alunos uma formação mais completa, posto que, como pontua o autor supracitado, são atitudes estabelecidas através de conteúdos e interações sociais que são fundamentais para a vivência, mas que não são abordados em todas as dimensões educacionais.

Antunes (2014) expõe, ainda na mesma linha de pensamento, que a escola é responsável e fundamental por, além de educar, também proporcionar diversas oportunidades de relações sociais e que, lamentavelmente, muitos professores, por não vislumbrarem a grandeza dessa sociabilidade, não utilizam estas ocasiões para aprimorar e desenvolver essa habilidade integradora que favorece uma formação mais ampla e completa do sujeito. Sendo assim, percebe-se que o professor tem extrema importância no processo de desenvolvimento das relações interpessoais de seus alunos, tornando-se um canal que promove o estímulo para o surgimento dessa capacidade social, e por meio da afetividade, o profissional da educação pode estabelecer estas relações.

Antunes (2014) salienta que é notório a integridade e excelência do professor que demonstra a prática afetiva, ao se tornar amigo dos alunos e estabelecer uma relação de parceria e tolerância, o que possibilita uma flexibilização e intermediação na construção do conhecimento. Percebe-se que o desenvolvimento das relações sociais com base na afetividade contribui para uma reciprocidade, por isso, o

educador, não apenas ajusta limites, ele instaura ações democráticas, propiciadoras de relações integradoras sem a necessidade de autoritarismo.

Ainda sobre esse olhar do professor acerca do desenvolvimento das relações sociais nos alunos, Antunes (2014) enfatiza e estabelece uma importante observação em relação aos educadores de outrora

Todo professor é e sempre será um artesão de amanhãs e para isso tem que descobrir qualidades, investigar talentos, surpreender-se com revelações. Pense nos professores que teve e provavelmente lembrará que a imagem mais linda não estava necessariamente no mais culto, mas nos que te olharam com olhos gulosos de carinho. (ANTUNES, 2014, p. 241)

Entende-se, na concepção de Antunes (2014), que a forma como o professor se relaciona com seus alunos, revela ações que colaboram para o estabelecimento de uma proximidade entre os pares, gerando as relações integradoras que irão impulsionar a prática da afetividade mútua. O autor, na citação acima, demonstra que as sementes plantadas pelo educador, se intencionais e afetuosas, serão colhidas na eterna memória dos alunos que tiveram a oportunidade de serem semeados e irrigados por estas mãos que lavram esperança no amanhã.

Observando as considerações de Wadsworth (1993), em que afirma

O conhecimento social não pode ser extraído das ações sobre os objetos como acontece com o conhecimento físico e o conhecimento lógico-matemático. O conhecimento social é construído pela criança a partir de suas ações com (interações) outras pessoas. Enquanto as crianças interagem umas com as outras e com os adultos, surgem as oportunidades para a construção do conhecimento social. (WADSWORTH, 1993, p. 15)

Nota-se que Wadsworth (1993), considera que é através da interação com outras pessoas, sejam crianças ou adultos, que acontece o desenvolvimento do conhecimento social, diferentemente dos conhecimentos adquiridos por meio da experiência de utilização do meio físico. O manuseio de objetos como bolas ou cordas em atividades psicomotoras, que vão possibilitar a criança o conhecimento sobre o próprio corpo, o uso de jogos de tabuleiro e quebra-cabeças, predispõem a amplificação do conhecimento intelectual. Por outro lado, a manifestação do conhecimento social pode-se estabelecer em tais atividades, não por meio das ações sobre os objetos, mas pela integração com o outro.

Percebe-se que, a prática de ações afetivas promove o desenvolvimento das relações sociais. Na visão vygotskyana da teoria da aprendizagem, as interações sociais são ferramentas de desenvolvimento da aprendizagem, pois acredita-se que é a partir dessas relações que a pessoa adquire durante o ciclo da vida, que se dá a concepção da aprendizagem e, dessa forma, se compõe o desenvolvimento humano.

Segundo tal teoria, esse processo cognitivo acontece através da interação com as outras pessoas e com o meio em que vive, possibilitando novas experiências e conhecimentos. E é por intermédio das diversas formas de relações sociais, do uso da linguagem e da valorização da cultura, que o indivíduo é reconhecido em sua plenitude.

Segundo as obras estudadas, vê-se que o educador tem a oportunidade de lecionar os conteúdos, que são fundamentais para fornecer o conhecimento e gerar a aprendizagem, e também preparar seus alunos para que adquiram crescimento nas relações fora da sala de aula. Para elucidar essa ideia, Antunes (2014) ressalta que

O importante é realçar que é impossível vincular "o ensinar a se relacionar" a quem trabalha com outro e não sente anseio em cuidar, aspiração em acreditar que o mundo pode melhorar, e confiar sempre na coragem e no otimismo de que não se educa se não se propicia transformações. (ANTUNES, 2014, p. 496)

Neste enfoque, é perceptível na fala do autor e nos estudos referentes a este capítulo, que a associação do ato de ensinar e incentivar o cultivo das relações interpessoais ao desejo de zelar com afeto, por quem educa, provoca mudanças inovadoras e revolucionárias através da doação docente.

Para reafirmar a importância da afetividade, não só nas relações sociais, mas também no processo de ensino e aprendizagem, será discutido no próximo capítulo, a influência dessa prática nas metodologias utilizadas pelos professores, de forma a consolidar a aquisição de conhecimento.

6 A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

As obras de Piaget têm grande influência na educação, pois demonstram que a criança adquire conhecimento significativo e duradouro quando seus sentidos e emoções agem sobre o objeto estudado, não apenas através da simples observação ou leitura, mas da interação. Assim como o autor suíço, os autores brasileiros Freire¹⁰ e Leite¹¹ acreditam que a relação e interação sujeito e objeto é parte fundamental para a compreensão de determinado conteúdo e conseqüente aprendizagem.

Leite (2011) discute em seus trabalhos mais recentes que o processo de ensino e aprendizagem é profundamente marcado pelas dimensões afetivas. Assim como Wallon e Piaget, o autor brasileiro acredita que a relação entre cognição e afeto não deve ser vista com dualidade, mas sim como complementares. O autor também concorda e reconhece os ideais de Freire frente a metodologias de ensino em que o aluno seja o eixo central do processo de ensino e aprendizagem.

Atualmente, as concepções dominantes são bem diferentes: entende-se que a aprendizagem ocorre a partir da relação entre sujeito e os diversos objetos de conhecimento, sendo, no entanto, tal relação sempre mediada por algum agente cultural. O aluno passa a ser considerado como sujeito ativo no processo e, na escola, o professor visto como principal mediador, mas não único, entre sujeito e objeto. (LEITE, 2011, p.18)

Segundo o autor, a qualidade da interação entre sujeito (aluno) e objeto (conteúdos e práticas) “é também de natureza afetiva e depende da qualidade das mediações vivenciadas pelo sujeito em relação ao objeto, no seu ambiente cultural, durante sua história de vida” (LEITE, 2011, p.18). Sendo assim, a afetividade interfere e possibilita o avanço intelectual dos alunos. Portanto, muitos professores precisam rever suas metodologias, quebrar laços com práticas ultrapassadas e compreender que seu papel é de fundamental importância para que o aluno possa aprender a criar seu próprio conhecimento, conforme afirma Leite (2011)

¹⁰ Paulo Freire: educador e filósofo brasileiro, é considerado o patrono da educação brasileira. Em suas obras, vislumbra a superação das relações de opressão através da educação, com destaque para seu método de alfabetização.

¹¹ Sérgio Leite: doutor em psicologia pela USP e professor do Departamento de Psicologia Educacional e do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. Membro fundador do grupo de pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita.

[...] a natureza da experiência afetiva (se prazerosa ou aversiva, nos seus extremos) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto. Na situação de sala de aula, tal relação refere-se às condições concretas de mediação, planejadas e desenvolvidas, principalmente pelo professor. (LEITE, 2011, p. 32)

Na visão de Leite (2011), é o professor que suscita no aluno sentimentos capazes de garantir seu sucesso escolar. Afinal, segundo Wallon (2017), o anseio do aluno sobre os objetos de estudo tem o poder de transformar o resultado dessa interação. Por isso, há a necessidade de uma metodologia que busque despertar o interesse da criança e, também, que esteja baseada em seus conhecimentos prévios.

Convergente a essas ideias, a visão freiriana, sustenta uma educação libertadora e autônoma, subtraindo a hierarquia e enaltecendo a importância das ações afetivas. Para Freire (1996) o ponto de partida deve ser a investigação através da interação e do diálogo com os alunos, para assim, utilizar a realidade de cada estudante como base no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Freire (1996), “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 29). Essa afirmação elucida a prática afetiva almejada para a sala de aula, na visão freiriana, que coloca tanto o professor como o aluno na posição de sujeitos, de igual valor, no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo a literatura existente sobre o tema, o estudo da influência da afetividade na prática educacional dá-se pelo fato de ainda haver grande distanciamento emocional entre professores e alunos, o que resulta em um processo de aprendizagem desprovido de significância e em um falho desenvolvimento das interações sociais.

Mediante nossa pesquisa sobre o assunto, é perceptível que a afetividade deve estar presente em todas as etapas do ensino, mas aqui destaca-se sua importância nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois é quando as crianças começam a tomar consciência do ato de estudar, e este precisa estar dentro daquilo que elas classificam como interessante para, assim, trazer significado e se perpetuar por todos os anos acadêmicos seguintes.

Conforme mencionado no terceiro capítulo, na visão de Wallon (2017), a influência, positiva ou negativa, é capaz de provocar no aluno a longo prazo, interesse ou desinteresse pelo assunto, conforme afirma em sua obra:

[...] a excitação, que não se traduz por qualquer efeito exterior, transforma-se numa espécie de potencial subjetivo e, na medida em que penetra e modifica as estruturas íntimas, dá origem a variações mais ou menos profundas, que o comportamento ulterior do sujeito revelará mais tarde. (WALLON, 2017, p. 110)

Assim, percebe-se que o professor tem o poder de influenciar até mesmo na aprendizagem de matérias diferentes da lecionada, podendo provocar no aluno interesse ou desinteresse pelos estudos, dependendo da sua prática em sala. Por isso, reafirma-se a importância da prática afetiva desde os primeiros anos do ensino fundamental para que ela seja promotora da vontade de aprender durante os anos seguintes.

Consonante a este pensamento, Leite (2011) afirma que a natureza da mediação entre professor e aluno pode, muitas vezes, determinar “toda a história da futura relação entre ele e os diversos conteúdos estudados. Tal relação, em muitos casos, é essencialmente afetiva.” (LEITE, 2011, p. 38) O autor defende a importância da afetividade como base para o desenvolvimento do interesse do aluno pelos estudos. Portanto, os anos iniciais são de fundamental importância para o despertar do aluno para a vida acadêmica. Pois da mesma forma que a afetividade afirmativa gera resultados positivos, a aversão pode ser fator determinante para desestímulo do aluno por toda sua vida escolar.

Assim como abordado em capítulos anteriores, despertar o interesse do aluno é ponto chave para promover a aprendizagem. De acordo com análise de Wadsworth (1993) da teoria piagetiana, tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo desempenham papéis chaves no desenvolvimento intelectual. O afeto é responsável pela motivação e pela seleção dos interesses, e pode alterar o ritmo de aprendizagem e determinar a fixação do conhecimento adquirido.

Segundo Wadsworth (1993), os professores devem desenvolver métodos para encorajar a ação do aluno sobre um determinado objeto de estudo, de forma a criar uma experiência significativa que garanta a aprendizagem efetiva. No entanto, para que essa interação aconteça, é necessário, primeiramente, despertar o interesse do aluno sobre o objeto, que, segundo o autor, é mais palpável através de práticas afetivas em sala de aula.

A aplicação de práticas afetivas traz ao professor mais autonomia e confiança com a turma, conforme pontua Patrícia Junqueira sobre uma visão walloniana das emoções em sala de aula;

[...] considerando o caráter 'contagioso' dos estados emocionais, o professor pode manter-se mais atento ao clima de grupo que ele tem condições de estabelecer em sua turma de alunos, bem como à importância de suas próprias manifestações afetivas, que seguramente, incidirão nas crianças sob sua tutela. Queremos dizer, portanto, que não se trata de buscar o controle das condições em sala de aula a partir da coerção das manifestações expressivas dos alunos, mas da melhor compreensão de seu significado para um manejo que, incorporando a dimensão afetiva, possibilite uma melhor qualidade e aproveitamento da aprendizagem. (JUNQUEIRA, 2010, p. 42)

A autora expõe que ações afetivas por parte do professor refletem em seus alunos o mesmo estado emocional, tornando o clima em sala de aula da mesma forma afetivo. Sendo assim, as chances de se obter resultados mais satisfatórios, ao colocar em foco a afetividade como propiciadora de uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem, tornam-se mais asseguradas.

Concomitante a este pensamento, Antunes (2017) atesta que é desde cedo que a prática do afeto começa a transformar eticamente o caráter da criança, seja em casa ou na escola. Ele ressalta a necessidade de valorizar o conhecimento pré-existente do aluno e prima pela observação individual dos mesmos, como forma de subsidiar meios de aprendizagem mais eficientes, já que cada aluno tem seu jeito de aprender. Dessa forma, a ação do professor, tem papel fundamental no processo de desenvolvimento da afetividade.

Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado. (ANTUNES, 2007, p.12)

Assim, como nota-se na fala do autor acima mencionado, é de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, a prática do afeto através de ações planejadas que possibilitem a promoção desse vínculo entre as partes envolvidas. Reafirma-se que, através da afetividade estabelecida em sala de

aula, é perceptível a otimização da aprendizagem e do convívio entre alunos e professores.

Com base nos estudos realizados para esta pesquisa, o capítulo posterior fará uma abordagem sobre as metodologias e as práticas que irão proporcionar o desenvolvimento de uma pedagogia afetiva e transformadora, tanto para alunos quanto para professores.

7 METODOLOGIAS QUE LEVAM À PRÁTICA AFETIVA

Como visto nos capítulos anteriores, a afetividade é de extrema importância para gerar conhecimento significativo, interesse pela área acadêmica e para desenvolvimento de relações interpessoais. Para isso, é preciso entender como desenvolver a prática afetiva em sala de aula.

Segundo Leite (2011), a afetividade já começa no planejamento das aulas. Ao desenvolver alguma disciplina com os alunos, o professor tem cinco decisões a tomar que terão implicações afetivas, “interferindo profundamente na futura relação que se estabelecerá entre o aluno e o objeto de conhecimento” (LEITE, 2011, p. 34). Essas decisões são: para onde ir; de onde partir; como caminhar; como ensinar; e como avaliar.

A primeira decisão é o momento em que o professor deve fazer a escolha dos objetivos do ensino. Essa parte reflete valores, crenças e concepções. Sem objetivos pré-estabelecidos, a prática pedagógica fica desconexa e sem sentido para o aluno.

A segunda decisão deriva da necessidade de compreender e colocar o aluno como referência e centro do processo de ensino. Através dessa atitude, é possível descobrir saberes prévios do aluno para, assim, promover uma aprendizagem envolta em significado.

A terceira decisão trata da organização dos conteúdos. Segundo Leite (2011), se o conteúdo não estiver bem-organizado, a falta de uma lógica pode aumentar as “possibilidades de fracasso por parte do aluno, tendo como consequência a, já citada, deterioração afetiva das relações entre o aluno e o referido objeto em questão” (LEITE, 2011, p. 36). O problema maior é que, não apenas a aprendizagem daquele conteúdo pode ser prejudicada, como também o interesse do aluno em relação a outras disciplinas e em relação aos estudos de maneira geral.

A quarta decisão, parte do princípio de que o professor deve escolher os procedimentos e atividade de ensino adequadas e motivadoras dentro de situações relevantes, conectadas com a realidade e que possibilitem um bom desenvolvimento do aluno. Segundo Leite (2011), a

[...] falta de instruções claras, ausências de intervenções adequadas do professor, falta de *feedback* por parte do professor etc. Tais problemas, quando ocorrem com alta frequência, podem transformar

a atividade de escolar em uma situação de sofrimento para o aluno, produzindo frequentemente efeitos indesejáveis [...] (LEITE, 2011, p. 37)

Portanto, a atividade escolar que é para ser prazerosa, pode, de acordo com o autor, gerar aversão a ponto de o aluno não querer mais interagir com os estudos.

A quinta decisão pode acabar colocando o educador contra ou a favor do aluno. Por isso, a escolha sobre a forma de avaliação é outra decisão importante e de base afetiva, pois se o regente da turma opta por metodologias tradicionais, quantitativas ou classificatórias, pode acabar frustrando o aluno e acabar contribuindo para seu fracasso. A proposta de Leite (2011) é que a avaliação resgate a função diagnóstica, ou seja, os resultados devem ser utilizados como ferramenta de reflexão da prática pedagógica, para que o professor possa flexibilizar sua metodologia para atender às necessidades dos alunos. “Assim, a avaliação deve ser planejada e desenvolvida como um instrumento sempre a favor do aluno e do processo de apropriação do conhecimento” (LEITE, 2011, p. 38). Através dessa ponderação, o professor se torna capaz de realizar atividades de mediação de forma apropriada e contribui para um envolvimento afetivo progressivo do sujeito com o objeto em questão.

São inúmeras as atitudes que refletem a prática pedagógica afetiva. Falcin¹² (2011) traz um pensamento na mesma linha de Leite, e afirma que desde a organização da disposição da sala de aula há demonstração de afetividade, o que reflete na aprendizagem dos alunos. Segundo a autora, a forma de posicionar as carteiras pode proporcionar melhores condições para a apropriação do conteúdo ao trazer uma relação aprazível entre os estudantes e os conteúdos.

Além da disposição dos objetos em sala, outro ponto destacado pela autora é a clareza e objetividade das explicações e de como a parte teórica é transmitida. Se o instrumento utilizado for o livro didático, este não deve ser a única fonte de pesquisa. Se o professor opta por utilizar o quadro, este deve estar claramente organizado. No entanto, quando há utilização de objetos e experiências práticas, os alunos conseguem compreender melhor o conteúdo pelo fato de terem a oportunidade de interagir com o objeto de conhecimento e estabelecer uma relação prazerosa com este. Segundo Falcin (2011), “a adoção de determinado material, portanto, não deve criar uma armadura no professor” (FALCIN, 2011, p. 87). Portanto, utilizar outros

¹² Daniela Cavani Falcin: mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, atua como psicopedagoga.

recursos que venham enriquecer e contribuir para uma relação positiva entre sujeito e objeto, como vídeos, aulas em laboratório, passeios e jogos, por exemplo, demonstram a afetividade do professor em colocar o aluno como centro da aprendizagem e enchem de significado essa interação.

Análoga a Freire, Falcin (2011) ressalta a importância do *feedback* às atividades realizadas, pois assim os alunos conseguem visualizar a qualidade do esforço despendido para realizar determinado trabalho. Freire (1996) relata como o simples gesto com a cabeça de aprovação de seu trabalho ao ser corrigido pelo professor transmitiu a ele confiança e segurança em seu próprio potencial enquanto educando. Em uma de suas obras, o autor faz o seguinte relato:

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim, mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu. (FREIRE, 1996, p. 43)

Este gesto do professor no relato de Freire, demonstra como uma simples expressão corporal do regente pode ter um impacto significativo na vida do aluno. Por isso, a afetividade deve estar presente, para que o gesto não seja uma simbologia que venha afastar do aluno do objeto de estudo, e sim, encorajá-lo a buscar novos conhecimentos e seguir se dedicando à vida acadêmica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os estudos realizados e as riquezas de informações adquiridas, pode-se enaltecer a grande notoriedade da prática da afetividade em todas as esferas educacionais. Como já visto, não há o que questionar quanto à importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, já que, comprovadamente, angaria resultados idôneos e enriquecedores.

Ao final das análises textuais, conclui-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, já que toda a literatura analisada leva à constatação de que a afetividade interfere positivamente no desenvolvimento intelectual, afetivo e social dos alunos, e sua importância para aqueles que estão nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois assim terão a possibilidade de maior sucesso acadêmico nos anos que seguem.

Após o estudo, as hipóteses levantadas foram confirmadas. Segundo os autores pesquisados, confirmou-se que o afeto desperta o interesse nos alunos e que este é base motivadora da aprendizagem, também no plano orgânico. Outro ponto a ser destacado, é que o ambiente afetivo mostrou proporcionar confiança para que os alunos exponham seus pensamentos e criem vínculos duradouros com seus colegas. Além disso, comprovou-se que o professor preocupado com o sucesso dos seus alunos é capaz de despertar o interesse e consolidar a aprendizagem.

Com este estudo, conclui-se que a visão dos psicólogos que abordam a cognição e a afetividade como indissociáveis e de igual importância para o desenvolvimento completo do ser é reafirmada pelos estudos atuais em neurociência. Há influência desses fatores na aprendizagem, uma vez que as são processados na mesma área do cérebro. Isso reafirma a importância do trabalho afetivo em sala de aula, para trazer a atenção do aluno a assuntos de seu interesse de forma duradoura e, assim, consolidar a aquisição de conhecimentos.

As obras analisadas também convergem para a ideia de que a afetividade está intrínseca na construção do sujeito e de suas relações sociais, já que influencia a formação da personalidade, a descoberta da autonomia e afirmação da autoestima.

Através da revisão bibliográfica afirma-se que a prática afetiva implica positivamente na aprendizagem, ao chamar a atenção do sujeito para o objeto de estudo e promover a interação entre estes. Esse intercâmbio propicia uma aprendizagem significativa e consolida o conhecimento, tendo o indispensável papel

do professor como principal mediador entre alunos e conteúdos e ao fomentar os intercâmbios culturais e sociais em sala de aula.

Através da pesquisa, conclui-se também que há práticas que são de cunho afetivo e que não, necessariamente, partem de tratar o aluno com cuidados exagerados, e sim, elaborar as aulas e atitudes em sala que demonstrem a preocupação com o sucesso do aluno e respeito pelo seu progresso e conhecimento prévio.

Para validar este estudo bibliográfico, é interessante ir a campo, em um trabalho futuro, para compreender na prática como a afetividade é construída entre professores e alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANTUNES, C. A construção do afeto. São Paulo: Augustus, 1ª ed., 2000.
- ANTUNES, C. Na Sala de Aula. São Paulo: Editora Vozes, 3ª ed., 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. Neurociência e Educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ; Vozes, 1998.
- FALCIN, Daniela Cavani. Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis. *In*: LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e práticas pedagógicas. Sérgio Antônio da Silva Leite (org.). – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 1ª reimpr. da 2ª ed. de 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- JUNQUEIRA, Patrícia. Henri Wallon / Hélène Gratiot-Alfandéry; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e práticas pedagógicas. Sérgio Antônio da Silva Leite (org.). – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 1ª reimpr. da 2ª ed. de 2008.
- LOOS, H.; SANT'ANA, R. S. Cognição, afeto e desenvolvimento humano: a emoção de viver e a razão de existir. *Educar*, Curitiba, n. 30, p. 165-182, Editora UFPR, 2007.
- LOOS, H.; SANT'ANA, R. S.; BARBOSA, P. M. R. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília, v. 98, n. 249, p. 446-466, maio/ago. 2017.
- NUNES, Vera. O papel das emoções na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- PIAGET, Jean. A psicologia da inteligência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PIAGET, Jean. Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

SANT'ANA, R. S.; LOOS, H.; CEBULSKI, M. C Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem. Educar, Curitiba, n. 36, p. 109-124, Editora UFPR, 2010.

SILVA, Fábio Eduardo da. Neurociência e aprendizagem: uma aventura por trilhas da neuroeducação. Curitiba: Intersaberes, 2021. (Série Pressupostos da Educação Especial)

VYGOSTKY, Lev. Pensamento e Linguagem. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores.

WADSWORTH, Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. São Paulo: Pioneira, 1993. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais)

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Portugal: Edições 70, 1978, 1ª ed., 2017, edição revisada e atualizada.

WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca. Relações entre afetividade e cognição: de Moreno a Piaget. São Paulo: Annablume, 1998.

APÊNDICE – Projeto de pesquisa

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem por objeto de estudo a afetividade na prática pedagógica. Será abordada a influência da pedagogia afetiva na prática dos professores e nos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental como determinante da aprendizagem e do desenvolvimento de relações sociais.

Neste trabalho serão levantadas as seguintes questões: a pedagogia afetiva influencia no aprendizado dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental? É perceptível melhora no rendimento escolar e nas relações intersociais dos alunos quando os professores trabalham tendo como base a pedagogia afetiva?

Para responder a essas questões, serão estudadas as hipóteses de que o afeto desperta o interesse, que é essencial para motivar a aprendizagem. Outra hipótese a ser analisada é a de que em um ambiente afetivo, o aluno está mais à vontade para expor suas ideias, opiniões e criar vínculos com os colegas, além de o aluno se sentir incentivado a estudar quando vê seu professor preocupado com seu sucesso. Acredita-se também que quando o aluno passa a conhecer melhor suas emoções, ele aprende a lidar com elas e, através do exemplo, o aluno aprende a praticar a afetividade, o que auxilia no desenvolvimento cognitivo, na criação de laços entre indivíduos e na construção de relações interpessoais mais saudáveis e duradouras.

OBJETIVO

OBJETIVO GERAL

Aguçar a mudança de pensamento dos professores frente à afetividade em sala de aula que tem se mostrado primordial na prática educacional para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reafirmar a importância da pedagogia afetiva no processo de ensino e aprendizagem.
- Refletir sobre a influência da afetividade na aprendizagem e no comportamento dos alunos e professores.
- Discutir metodologias que levem à prática da afetividade.

JUSTIFICATIVA

O estudo sobre a influência da afetividade na prática educacional dá-se pelo fato de ainda haver grande distanciamento emocional entre professores e alunos, o que resulta em um processo de aprendizagem desprovido de significância e em um falho desenvolvimento das interações sociais. De acordo com análise dos estudos de Piaget por Wadsworth, tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo desempenham papéis chaves no desenvolvimento intelectual (WADSWORTH, 1993, p. 146). O afeto é responsável pela motivação e pela seleção dos interesses, e pode alterar o ritmo de aprendizagem e determinar a fixação do conhecimento adquirido. Segundo Wadsworth, os professores devem desenvolver métodos para encorajar a ação do aluno sobre um determinado objeto de estudo, de forma a criar uma experiência significativa que garanta a aprendizagem efetiva. No entanto, para que essa interação aconteça, é necessário, primeiramente, despertar o interesse do aluno sobre o objeto, que, segundo o autor, é mais palpável através de práticas afetivas em sala de aula.

A aplicação de práticas afetivas traz ao professor mais autonomia e confiança com a turma, conforme pontua Patrícia Junqueira sobre uma visão Walloniana das emoções em sala de aula;

[...] considerando o caráter 'contagioso' dos estados emocionais, o professor pode manter-se mais atento ao clima de grupo que ele tem condições de estabelecer em sua turma de alunos, bem como à importância de suas próprias manifestações afetivas, que seguramente, incidirão nas crianças sob sua tutela. Queremos dizer, portanto, que não se trata de buscar o controle das condições em sala de aula a partir da coerção das manifestações expressivas dos alunos, mas da melhor compreensão de seu significado para um manejo que, incorporando a dimensão afetiva, possibilite uma melhor qualidade e aproveitamento da aprendizagem. (JUNQUEIRA, 2010, p. 42)

Em seu trabalho sobre práticas afetivas em sala de aula, Leite explica que o processo de aprendizagem é resultado de uma ação do sujeito (aluno) sobre o objeto (conteúdos e práticas) sempre mediada por elementos culturais, no caso, escolares. Portanto, de acordo com o autor a mediação é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento pelo aluno (LEITE, 2011, p. 32). Sendo assim, o professor precisa rever seu papel, quebrar laços com práticas ultrapassadas e ver que seu papel é de fundamental importância para que o aluno possa aprender a criar seu próprio conhecimento. É o professor que desperta no aluno sentimentos capazes de garantir seu sucesso escolar, conforme afirma Leite:

[...] a natureza da experiência afetiva (se prazerosa ou aversiva, nos seus extremos) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto. Na situação de sala de aula, tal relação refere-se às condições concretas de mediação, planejadas e desenvolvidas, principalmente pelo professor. (LEITE, 2011, p. 32)

A pedagogia afetiva pode transformar a prática de lecionar, de forma suave e enriquecedora, em um trabalho prazeroso, angariando resultados expressivos no processo de ensino e aprendizagem. Como é sabido, toda ação produz uma reação, sendo assim, a conduta do professor em sala de aula é observada e absorvida pelos alunos, e é neste ponto que a afetividade tem seu papel de grande relevância. Se o docente procura conhecer seus educandos, respeitando e passando confiança para os mesmos, o clima da sala se caracteriza da mesma forma, um ambiente saudável, de respeito e no qual o educador consegue ter o controle da turma sem impor uma postura rígida e fria. Por isso, a necessidade de fazer com que os professores reavaliem suas práticas em sala de aula e direcionem seu olhar a uma prática afetiva com resultados significativos de aprendizagem. Vale ressaltar que a prática da pedagogia afetiva não parte do pensamento de que o professor deva tratar o aluno com “mimos”, e sim demonstrar empatia por suas necessidades, compreensão e respeito da diversidade de realidades dentro da sala e interesse pelo sucesso do estudante.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os principais autores bases da pesquisa são: Jean Piaget, Henri Wallon, Paulo Freire, Celso Antunes e Sérgio Antônio da Silva Leite.

Os psicólogos Piaget e Wallon se complementam em suas teorias, aos discursarem sobre a influência da afetividade no desenvolvimento cognitivo das crianças e ao tratarem a cognição e a afetividade como indissociáveis para a formação completa do ser.

As obras de Piaget têm grande influência na educação, pois demonstra que a criança adquire conhecimento significativo e duradouro quando seus sentidos e emoções agem sobre o objeto estudado, e não apenas através da simples observação ou leitura, como afirma Wadsworth em sua análise do autor suíço:

As ações da criança sobre os objetos e interações com outras pessoas são de importância fundamental na construção do conhecimento. O conhecimento exato não pode ser derivado diretamente da leitura ou de ouvir dizer (por exemplo, os professores). Antes do desenvolvimento das operações formais, o conhecimento exato só pode ser construído a partir da experiência com objetos significativos; ele não pode ser adquirido de representações (por exemplo, palavras faladas e escritas) dos objetos e eventos. [...] a participação ativa da criança permanece necessária para o desenvolvimento cognitivo. (WADSWORTH, 1993, p. 15 e 16)

Piaget também analisou que o afeto tem papel fundamental na educação, pois é ele que desperta o interesse nas crianças e gera motivação ou energização da atividade intelectual (WADSWORTH, 1993, p. 22). Segundo o autor, as escolhas humanas são baseadas em interesses, como, por exemplo, a escolha dos amigos, de um livro para leitura, da profissão, entre outras. Wadsworth afirma que na visão piagetiana, esta seleção não é provocada pelas atividades cognitivas, mas pela afetividade (WADSWORTH, 1993, p. 22). Portanto, vê-se a necessidade de ter a afetividade como componente essencial do processo de ensino e aprendizagem.

Outro fator de destaque é a influência da afetividade no ritmo de aprendizagem, aumentando ou diminuindo a velocidade da mesma, já que o interesse é que vai determinar quais estruturas cognitivas terão maior e menor valor para o indivíduo. Um exemplo prático está relacionado à criança que “gosta” de determinada matéria e tem um progresso rápido de aprendizagem naquele conteúdo. O psicólogo francês, Henri Wallon, compartilha da mesma opinião de Piaget, ao afirmar que quando as crianças não têm interesse por determinado assunto, elas se desviam dessa atividade,

A escola exige uma mobilização dirigida das atividades intelectuais para matérias sucessiva e arbitrariamente diversas, até em excesso. As tarefas impostas devem desligar mais ou menos as crianças dos seus interesses espontâneos e muito frequentemente não se obtém delas mais do que um esforço constrangido, uma atenção artificial ou mesmo uma sonolência intelectual. (WALLON, 2017, p. 205)

Nesse sentido, percebe-se mais uma vez, a importância da afetividade para despertar o interesse e assim efetivar a aprendizagem. Ainda de acordo com Wallon, “a excitação, que não se traduz por qualquer efeito exterior, transforma-se numa espécie de potencial subjetivo”, (WALLON, 2017, p. 110) ou seja, se torna o combustível da aprendizagem. Lembrando que o mesmo autor afirma que as emoções são a exteriorização da afetividade e que estimulam as mudanças cognitivas.

Em Paulo Freire, nota-se a base de apoio dispensada pelo autor, que em todas as suas obras, levantou a bandeira da pedagogia afetiva, principalmente em defesa das classes menos favorecidas. O educador e filósofo brasileiro, mundialmente conhecido, deixou um legado de como ensinar e alfabetizar a partir das vivências de cada um, valorizando e respeitando a cultura e a história de vida das pessoas. Foi contra o modo de educação bancária, que visava exclusivamente que o professor transmitisse o conhecimento; e o aluno, um mero depositário de todo conteúdo repassado. Dessa maneira, a pedagogia freiriana, sustenta uma educação libertadora e autônoma, desbancando a hierarquia e enaltecendo a importância das ações afetivas, tendo como ponto de partida a investigação através da interação e do diálogo, utilizando a realidade de vida de cada estudante no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Freire, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 29). Essa afirmação elucida a prática afetiva almejada para a sala de aula.

Na continuação dos estreitamentos dos laços, Celso Antunes tem seu protagonismo intrínseco à pedagogia da afetividade. Para Celso, é desde cedo que a prática do afeto começa a transformar eticamente o caráter da criança, seja em casa ou na escola. Ele ressalta a necessidade de valorizar o conhecimento pré-existente do aluno e prima pela observação individual dos mesmos, como forma de subsidiar meios de aprendizagem mais eficientes, já que cada aluno tem seu jeito de aprender. Dessa forma, a ação do professor, tem papel fundamental no processo de desenvolvimento da afetividade.

Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado. (ANTUNES, 2007, p.12)

Um dos principais autores brasileiros da atualidade sobre a afetividade nas práticas pedagógicas é Sérgio Antônio da Silva Leite. Doutor em psicologia pela USP, discute em seus trabalhos mais recentes que o processo de ensino e aprendizagem é profundamente marcado pelas dimensões afetivas. Assim como Wallon e Piaget, acredita que a relação entre cognição e afeto não deve ser vista com dualidade, mas sim como complementares. O autor também concorda e reconhece os ideais de Paulo Freire frente a metodologias de ensino em que o aluno seja o eixo central do processo de ensino e aprendizagem.

Atualmente, as concepções dominantes são bem diferentes: entende-se que a aprendizagem ocorre a partir da relação entre sujeito e os diversos objetos de conhecimento, sendo, no entanto, tal relação sempre mediada por algum agente cultural. O aluno passa a ser considerado como sujeito ativo no processo e, na escola, o professor visto como principal mediador, mas não único, entre sujeito e objeto. (LEITE, 2011, p.18)

Segundo o autor, a qualidade da relação estabelecida entre sujeito (aluno) e objeto (conteúdos e práticas) é também de natureza afetiva e depende da qualidade da história de mediações vivenciadas pelo sujeito em relação ao objeto, no seu ambiente cultural, durante sua história de vida. (LEITE, 2011, p.18) Sendo assim, a afetividade interfere e possibilita o avanço intelectual dos alunos. Da mesma forma em que repressões (não correções crítico construtivas) podem gerar de sentimentos negativos e, assim, provocar um retrocesso ou mesmo um bloqueio no processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

Essa pesquisa exploratória tem como objetivo demonstrar a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e sua influência no desenvolvimento intelectual e social dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo estes os sujeitos da pesquisa. Através de pesquisa qualitativa e básica, utilizando uma abordagem dialética, obtém-se os conhecimentos necessários para fomentar o tema destacado, compreendendo e aprofundando os saberes sobre essa prática dentro e fora de sala de aula.

Será realizada uma pesquisa bibliográfica pela necessidade de reunir informações teóricas, através de leituras e revisões de materiais publicados com o tema proposto, validando e elucidando a ideologia e o estudos dos autores escolhidos.

A pesquisa terá a contribuição de diversos autores renomados dentro da área educacional e da psicologia, clássicos e contemporâneos, que deixaram suas marcas através de suas obras e revolucionaram a educação de forma geral.

Para a produção do projeto, foi escolhida a natureza básica, já que esta tem a intencionalidade de gerar novos conhecimentos dentro do tema estudado (pedagogia afetiva), além de procurar colaborar com a melhoria da prática pedagógica dentro e fora da sala de aula e com o processo de formação do professor, subsidiando para a classe docente uma ferramenta contemporânea e transformadora.

A pesquisa bibliográfica agrega valor ao projeto, já que será feito levantamento e análise de obras publicadas (como textos, livros, revistas), para explorar o tema, destacar semelhanças e diferenças entre teorias e embasar toda a pesquisa. Dessa forma, a escolha deve-se à extensa gama de material disponível com temas relacionados que irão contribuir com informações substanciais na elaboração e revisão de conceitos, para resultar em uma pesquisa concludente de qualidade.

A pesquisa terá caráter exploratório, pois visa discutir e demonstrar como a prática educativa baseada na afetividade tem um papel de grande relevância no processo de construção do sujeito. Através do levantamento de hipóteses, será debatido como a pedagogia da afetividade viabiliza uma aprendizagem qualitativa, interferindo de forma positiva nas ações e na promoção da interação social.

A abordagem qualitativa se encaixa com o trabalho a ser desenvolvido, já que serão feitas leituras e interpretações de teorias, descrições e análises de material bibliográfico, estimulando um pensamento crítico acerca do tema.

O método dialético será utilizado na pesquisa que busca dialogar, discutir e argumentar acerca da pedagogia afetiva. Trata-se de refletir sobre a realidade da sala de aula e provocar o leitor a despertar para a importância da prática pedagógica baseada na afetividade.

Para desenvolvimento do projeto, será feita análise bibliográfica como instrumento de pesquisa.

CRONOGRAMA

ETAPAS / DATAS	A G O			S E T			O U T		N O V			D E Z
	04 a 11	12 a 18	19 a 31	01 a 08	09 a 22	21 a 30	01 a 23	24 a 30	01 a 07	08/11	09 a 17	01/12
Escolha do tema	X											
Levantamento bibliográfico		X	X	X								
Elaboração do Projeto de Pesquisa			X	X								
Apresentação e envio do projeto				X								
Análise bibliográfica					X	X	X					
Escrita do trabalho							X					
Ajustes do trabalho								X				
Revisão e redação final									X			
Entrega do Trabalho										X		
Preparo a defesa do Trabalho											X	
Defesa do Trabalho												X

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, C. A construção do afeto. São Paulo: Augustus, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2002

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

JUNQUEIRA, Patrícia. Henri Wallon / Hélène Gratiot-Alfandéry; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e práticas pedagógicas. Sérgio Antônio da Silva Leite (org.). – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 1ª reimpr. da 2ª ed. de 2008.

LOOS, H.; SANT'ANA, R. S. Cognição, afeto e desenvolvimento humano: a emoção de viver e a razão de existir. Educar, Curitiba, n. 30, p. 165-182, Editora UFPR, 2007.

LOOS, H.; SANT'ANA, R. S.; BARBOSA, P. M. R. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 98, n. 249, p. 446-466, maio/ago. 2017.

NUNES, Vera. O papel das emoções na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PIAGET, Jean. A psicologia da inteligência. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

SANT'ANA, R. S.; LOOS, H.; CEBULSKI, M. C Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem. Educar, Curitiba, n. 36, p. 109-124, Editora UFPR, 2010.

WADSWORTH, Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. São Paulo: Pioneira, 1993. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais)

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Portugal: Edições 70, 1978, 1ª ed., 2017, edição revisada e atualizada.

WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca. Relações entre afetividade e cognição: de Moreno a Piaget. São Paulo: Annablume, 1998.